

# O que é Espiritualidade?

Ricardo Barbosa de Souza

## O DESAFIO BÍBLICO DA ESPIRITUALIDADE CRISTÃ

Não é fácil definir ou conceituar a espiritualidade. Embora seja uma expressão religiosa que, a princípio, tenha a ver com o relacionamento de Deus com o ser humano, tornou-se, na cultura moderna, um termo abstrato, vago e presente em quase todos os segmentos da vida: da religião à economia, da ecologia ao mundo dos negócios. Para entender melhor o que significa espiritualidade nos dias atuais, precisamos associá-la a outras duas expressões que se encontram intimamente conectadas: subjetividade e pós-modernidade. Juntas, elas formam o tripé para a compreensão da cultura contemporânea.

O mundo moderno era racional, científico, positivo. Acreditava na bondade natural do ser humano. Era um mundo de certezas e de sólidas convicções. Porém, após duas guerras mundiais e uma infinidade de conflitos étnicos, políticos e econômicos, esta era de certezas deu lugar a um espírito cínico e desiludido. O mundo pós-moderno é o mundo do desencanto, da decepção, da desilusão, das incertezas. Emocionalmente, a modernidade refletiu o progresso, o otimismo, a confiança na tecnologia. O pós-moderno é o oposto — é negativo, irracional e subjetivo. O rápido processo de secularização, o avanço tecnológico, o rompimento com as tradições, a relativização dos valores e dos costumes, o fortalecimento do individualismo e a quebra do consenso social apresentaram uma nova agenda para a sociedade.

A reação contra a objetividade e a mentalidade cartesiana, racional e científica do mundo moderno gerou um novo espírito, mais subjetivo e individualista. A relativização moral criou uma nova forma de ateísmo: o da irrelevância de Deus e uma forma de espiritualidade subjetiva sem nenhum fundamento bíblico ou histórico. A realidade vem se tornando mais abstrata e virtual, e a estética é a nova base da identidade e da afirmação pessoal. Uma vez que a tradição foi descartada e vivemos a falência das estruturas familiares e a burocratização das instituições, não temos mais um juiz para julgar os valores, mas um espírito individualista, cínico e altamente indulgente. Se, no passado, levávamos nossas questões para serem julgadas no tribunal da razão e da sã doutrina, hoje elas são arbitradas na jurisdição das emoções e dos sentimentos. O critério que valida a experiência é o bem-estar pessoal.

É dentro deste cenário que surge o termo “espiritualidade”, estabelecendo uma nova agenda para a Igreja. Espiritualidade tem a ver com o novo estado de espírito do mundo pós-moderno. Falar em espiritualidade, segundo James Houston, é falar sobre a revolta do espírito humano ao aprisionamento que a cultura racional impôs sobre a civilização ocidental, levando-a a olhar para a vida apenas na perspectiva superficial da ótica científica. O ser pós-moderno não aceita mais viver sob esta ótica estreita e limitada da cultura racional, mas, paradoxalmente, sua luta contra o aprisionamento da superficialidade racional

o levou a um novo estado de alienação e superficialidade, fruto do subjetivismo e do individualismo impessoal.

Espiritualidade é o tema da agenda religiosa do século XXI. Está presente em todos os encontros, debates e discussões. Não apenas no universo evangélico, mas também nos âmbitos cultural, empresarial, econômico, político etc. Todos conversam sobre o assunto, falam de suas experiências, descrevem seu momento espiritual. Empresas preocupam-se com o estado espiritual de seus executivos, oferecendo cursos e palestras para *eleva*r o espírito e melhorar o rendimento profissional. Livros e revistas especializados no assunto surgem a cada dia. Entretanto, como afirma Eugene Peterson, quando todos seus amigos começam a conversar sobre colesterol, comparando taxas, trocando conselhos, sugerindo remédios e chás, você logo percebe que este é um mau sinal. Alguma coisa não vai bem. Da mesma forma, quando vemos e ouvimos muita gente conversando e lendo sobre espiritualidade, isto nos leva a pensar que a alma de nosso povo não anda bem; está enferma.

A segunda metade do século XX foi marcada por várias rebeliões e protestos. O movimento *hippie* dos anos 1960 e 1970 protestou contra a repressão sexual e a guerra do Vietnã, levantando a bandeira do amor livre, das viagens lisérgicas, da quebra dos preconceitos e tabus. O movimento feminista lutou pelos direitos das mulheres contra uma sociedade machista, que não apenas oprimia, mas impunha sobre elas um modelo social, econômico e político masculino, abrindo as portas para que se tornassem protagonistas do processo social, e não apenas coadjuvantes.

No campo político, o fim dos anos 1980 foi marcado pela *Perestroika* (“Reestruturação” ou “Reconstrução”) e pela *Glasnost* (“Transparência” ou “Abertura”), a queda do muro de Berlim, o colapso das estruturas políticas totalitárias e o surgimento do neoliberalismo da economia globalizada. A ecologia também conquistou sua agenda, levando a sociedade moderna a reconsiderar a natureza como fonte de vida, e não apenas como uma usina inesgotável de riquezas, provocando, em alguns segmentos sociais, um novo tipo de panteísmo.

O surgimento dos livros de auto-ajuda e a descoberta da inteligência emocional abriram um novo espaço nos núcleos que, até pouco tempo atrás, eram dominados pelos tecnocratas. Os avanços tecnológicos nos campos da comunicação e da genética escancararam as portas de uma nova realidade, cujas perspectivas fogem ao controle da ética, colocando o ser humano diante de um novo tempo de incertezas.

No mundo evangélico, tivemos a renovação carismática dos anos 1960, o movimento da música *gospel* no fim dos anos 1980 e início da década de 1990, e o surgimento das igrejas neopentecostais ou pós-pentecostais, com sua frágil consistência teológica e doutrinária, mas com forte apelo emocional e social, trazendo novos contornos e novas definições aos velhos paradigmas da fé cristã. Todas essas coisas são manifestações de protesto do espírito humano, que brada esta mensagem: existe uma realidade mais profunda que a leitura superficial do racionalismo impessoal. Era isto que Pascal defendia no século XVII, quando afirmou que “o coração tem razões que a própria razão desconhece”. Foi

também o que a revolução iniciada por Freud no fim do século XIX quis mostrar. Assim, a espiritualidade tem uma relação estreita com o espírito humano pós-moderno em seu protesto contra o racionalismo alienante, mas desenvolveu novas formas de alienação e superficialidade.

Ao falar de espiritualidade dentro do contexto da experiência espiritual cristã e evangélica — propósito dominante deste livro —, devemos levar em conta esse cenário porque, mesmo que tenhamos uma longa história e tradição, bem como sólida bagagem teológica e doutrinária, somos herdeiros da cultura iluminista, e fomos também atingidos pelo processo alienante da cultura moderna e pós-moderna.

A Reforma Protestante — ancorada no Renascimento e, posteriormente, no Iluminismo — trouxe, sem dúvida, uma grande contribuição e um avanço teológico e espiritual para o cristianismo. Libertou muitos cristãos da opressão da ignorância e da superstição do fim da Idade Média, e apontou um caminho fundamentado nas Escrituras Sagradas, na sã doutrina, na centralidade de Cristo e sua obra expiatória, na suficiência de sua graça, na soberania de Deus sobre toda a Criação. A Reforma Protestante do século XVI deu ao cristianismo uma grande e sólida contribuição, ao estabelecer as bases da fé cristã.

A exigência de uma fé articulada na esfera da razão trouxe vários desdobramentos ao estudo teológico, e deu à Teologia Sistemática o honroso título “rainha das teologias”, pois conhecer a Deus implicava dominar os dogmas da fé. O conhecimento passou a ser um atributo exclusivo da razão. Enquanto, nos primeiros séculos da era cristã — tanto para os pais da Igreja como para os pais do Deserto —, o conhecimento e o relacionamento eram inseparáveis, para a era moderna tornaram-se realidades distintas. Para os pais da Igreja, conhecer a Deus implicava amá-lo e relacionar-se com ele. A Teologia e a oração não eram tarefas distintas. No período pré-moderno, não vemos uma separação entre o conhecimento e o relacionamento. Gregório, o Grande, do século VI, já afirmava que “amor é conhecimento”.

Se olharmos para as obras de Irineu e Orígenes, do Segundo e do Terceiro séculos; Agostinho e os irmãos da Capadócia, do século IV; Benedito e Gregório, do Sexto; Simeão, o Novo Teólogo do Décimo; Bernardo de Clairveaux e Ricardo de São Victor, do século XII; Boaventura, do Décimo-terceiro; Walter Hilton, do século XIV; e muitos outros, veremos que, para todos eles, conhecimento e amor, doutrina e devoção, teologia e oração eram a mesma coisa. Sua teologia era, de certa forma, o relato da própria experiência com Deus. As *Confissões* de Agostinho, as *Regras monásticas* de Benedito, o *Cuidado pastoral* de Gregório, as *Orações* de Simeão, os comentários de Cantares e outros escritos de Bernardo, enfim, todos eram expressões de uma fé pessoal, de amor por Deus, de uma vida de oração. Não havia o divórcio entre Teologia e espiritualidade. Evagrius Ponticus, do século IV, afirmou: “Orar é fazer teologia.” A Teologia emergia da oração. Não eram diferentes entre si.

O divórcio entre a Teologia e a espiritualidade surge no fim da Idade Média, com o escolasticismo. Se, de um lado, Gregório afirmava, no século VI, que amor é conhecimento, Tomás de Aquino, no século XIII, passa a distinguir o

conhecimento de Deus, que surgia do amor e da relação com o Criador, daquele que era propriamente científico e dogmático.

A partir do século XVI, vemos que a separação entre a Teologia e a vida espiritual e devocional ganha corpo, à medida que se torna cada vez mais subdividida. O Iluminismo gerou um novo tipo de teólogo: aquele que nunca orou porque, para ser teólogo, bastava dominar as ciências da religião. O honroso título de “doutor em Teologia” necessariamente não define mais, na cultura moderna, alguém que tenha uma relação pessoal com Deus, que cultive uma espiritualidade pessoal e madura ou que “ande nos caminhos do Senhor”. Para ter este título, basta ser um aluno inteligente e disciplinado, percorrer os corredores e as bibliotecas das academias, escrever teses, ensaios, monografias e demonstrar domínio da ciência teológica.

Chegamos ao fim do século XX com um sentimento de fracasso, vazio, descrença e desilusão. Nossos avanços sistemáticos na Teologia foram grandes e de uma enorme contribuição para a Igreja e a fé cristã. No entanto, falhamos na construção de uma gramática que estabelecesse uma relação real entre o que professamos crer e a vida. A gramática teológica, para muitos, é diferente da gramática da vida. A crise espiritual é fruto da ausência de gramática. Da mesma forma como precisamos de uma gramática para dar sentido à linguagem, precisamos de uma gramática que dê sentido à fé.

Conhecer a Deus implica “amá-lo de todo coração, alma e entendimento”. Isto envolve a totalidade da vida, mente e coração em comunhão pessoal com Deus, e significa que o conhecimento não pode ser divorciado do relacionamento, nem a Teologia pode caminhar sem a oração. O apóstolo Paulo nos diz que a sã doutrina é importante, não para nos dar títulos ou temas para teses, mas para nos tornar sábios para a salvação.

É dentro desse contexto de fracasso, vazio e descrença que tomou conta de nossa civilização na segunda metade do século XX que vários movimentos espirituais, muitos deles de natureza esotérica, surgiram buscando aquilo que as grandes ideologias racionalistas falharam em proporcionar ao ser humano. Esta é a arena na qual o cristianismo enfrenta seu grande desafio. De um lado, há o desafio teológico de preservar os fundamentos da fé, estabelecer alicerces teológicos e doutrinários e construir as bases da espiritualidade cristã. Do outro, o desafio espiritual de considerar as demandas e os anseios do espírito humano e resgatar o lugar e o significado da oração e do relacionamento pessoal com Deus e sua Criação. Segundo James Houston, o desafio que temos é duplo, pois significa buscar uma teologia mais espiritual e uma espiritualidade mais teológica.

## **POR UMA TEOLOGIA MAIS ESPIRITUAL**

Precisamos de uma teologia que nos desperte para um relacionamento pessoal e verdadeiro com Deus. Em outras palavras, uma teologia e uma linguagem teológica que nos aponte o caminho da oração; que nos conduza e inspire a “amar a Deus de todo coração, alma e entendimento”; que seja mais pessoal, afetiva e comunitária, e não apenas acadêmica.

É lamentável constatar que muitos estudantes de Teologia que entram para um seminário motivados por um profundo amor por Deus e desejo de servi-lo, depois de quatro ou cinco anos de estudo saem mais cínicos em relação a Deus e à Igreja, orando menos, afetivamente atrofiados e mais limitados, em termos relacionais, que ao entrarem. Por que o lugar de formação teológica não é, também, o lugar de formação espiritual? Por que a relação entre a profundidade acadêmica e teológica e a profundidade espiritual e devocional permanece, para muitos, inconciliável?

Certamente não cumpre com seu papel uma teologia que não nos motive à oração; que não nos desperte para amar ao Deus Triúno da graça e a sua Palavra de todo coração, alma e mente; que não nos torne mais compassivos e afetuosos para com o próximo; que não nos faça compreender e discernir o pecado e nos conduza ao arrependimento e à confissão, que não nos envolva comunitariamente; e que não nos leve a ter sede e fome de justiça. Deus nos chama para participar da eterna comunhão que o Pai, o Filho e o Espírito Santo gozam. Jesus nos apresenta este convite em sua oração sacerdotal, quando suplica, dizendo: “A fim de que todos sejam um; e como és tu, ó Pai, em mim e eu em ti, também sejam eles em nós; para que o mundo creia que tu me enviaste. Eu lhes tenho transmitido a glória que me tens dado, para que sejam um, como nós o somos” (Jo 17:21-22; ARA).

Este relacionamento é a razão primeira e última da Teologia. Todo o esforço da Igreja, todo o labor teológico, toda a eficiência do discipulado devem, em última instância, nos conduzir à comunhão trinitária. Quando perguntaram a Jesus qual era o maior de todos os mandamentos, sua resposta apontou para uma dimensão relacional e afetiva: “Amar a Deus sobre todas as coisas e ao próximo como a nós mesmos.” Este era o fim da Teologia, a razão de ser dos mandamentos e das profecias. O apóstolo João nos dá a resposta mais simples e, ao mesmo tempo, mais profunda sobre o conhecimento de Deus. Ao afirmar que “Deus é amor”, ele define a natureza pessoal e relacional do Deus Bíblico.

**Uma teologia mais espiritual deve ocupar-se com a conversão integral, e não somente com a conversão das convicções.** Para a mentalidade racional e cartesiana, o que importa é a conversão das convicções, do pensamento ou das crenças. É certo que a conversão pressupõe uma mudança de convicções, mas, seguramente, implica muito mais que isto. Julia Gatta, escrevendo sobre o pensamento de Walter Hilton, cristão que viveu na Inglaterra no século XIV, mostra sua preocupação com o que chamava “conversão das emoções”.

A totalidade do ser está envolvida no processo de união com Cristo. Tanto nossa mente como nossos sentimentos precisam caminhar em direção à conversão, à progressiva purificação e, finalmente, à transformação. A renovação intelectual, se não é mais fácil, no mínimo é um assunto relativamente mais simples comparado com a redenção da afetividade. A emoção, especialmente a emoção religiosa, é um fenômeno complexo. O fruto do Espírito não pode ser igualado a um simples “sentir-se bem” [...] Como em todos os outros aspectos da natureza humana, a afetividade precisa ser interpretada, disciplinada e, finalmente, redimida.<sup>1</sup>

<sup>1</sup> GATTA, Julia. *Three spiritual directors for our time*. Cowley Publications, 1986, p. 37-47.

O racionalismo preocupou-se com as convicções. A psicanálise veio nos mostrar que a fé apresenta uma complexidade emocional e psíquica maior que imaginamos. C.S. Lewis já dizia que a fé está muito mais relacionada às emoções que à razão.

Sabemos que a conversão envolve a totalidade da vida, como o pecado e a queda corromperam todos os aspectos da existência humana. No entanto, a herança iluminista destacou a conversão das convicções como sendo a experiência cristã por excelência. Para muitos, a conversão significa apenas uma mudança de mentalidade religiosa. Contudo, quando olhamos para os evangelhos e, particularmente, para os encontros de Jesus, percebemos que o foco do Mestre não estava apenas nas convicções, mas na gramática da vida.

Um exemplo claro dessa preocupação está no encontro de Jesus com o “jovem rico”. Ele se apresenta como uma pessoa de convicções claras e sólidas. Desde a infância, aprendera e guardara os mandamentos, mas, para Jesus, faltava-lhe algo fundamental: amar a Deus e ao próximo de todo coração — um amor que o libertaria da tirania de seu egoísmo.

Outro encontro que nos ajuda a entender a totalidade da conversão foi o de Jesus com o publicano Zaqueu. Em sua conversa reservada com o Mestre, Zaqueu responde não com um conjunto de declarações confessionais e dogmáticas sobre a fé, mas com um gesto que deixa claro para Cristo que ele compreendera a natureza do Evangelho da salvação. Jesus estava mais atento à gramática da vida que declarações apenas formais, racionais e dogmáticas da fé.

Precisamos da Teologia, e veremos isto mais adiante, mas precisamos também integrar a Teologia com a vida. Para isso, ela precisa ser mais espiritual. Não significa *espiritualizar* a Teologia, mas reconhecer sua personalidade e o significado da encarnação na pessoa de Cristo. A encarnação tira a Teologia da prateleira e a coloca no coração, na mente, nos relacionamentos, na vida, nas decisões, nos afetos, nas paixões, nas escolhas, enfim, em tudo. Tornar a Teologia mais espiritual é torná-la mais pessoal, mais comunitária, mais missionária.

**Uma teologia espiritual deve valorizar mais a santidade e a sabedoria.** O mundo moderno produziu intelectuais brilhantes; o pós-moderno vem produzindo técnicos extraordinários. No entanto, em ambos perdemos o lugar do sábio ou do santo. É curioso notar que o santo do passado foi substituído pelo teólogo ou pelo *especialista* do presente. O mundo moderno, ao reconhecer como verdadeiro apenas o que é racional, acabou negando o lugar da sabedoria e a importância do “santo”, valorizando mais o cientista e o intelectual.

Já o mundo pós-moderno, diante dos avanços tecnológicos e suas ferramentas, que criam as possibilidades e a funcionalidade, valorizou mais o “fazer” que o “ser”, invertendo a contemplação pela ação, e trocou a sabedoria pela tecnologia. Temos hoje ferramentas técnicas para fazer uma igreja crescer, para organizar um programa de discipulado em cinco ou dez lições (dependendo da disposição do freguês), para tornar um casamento feliz e bem-sucedido, para melhorar o desempenho sexual, para fazer do pastor um ministro de sucesso

etc. Os recursos tecnológicos para a adoração ou para criar amigos apenas mostram quanto temos nos tornado tecnocratas impessoais e alienados, pragmáticos obcecados com o resultado e a funcionalidade.

O “santo” ou “sábio” era alguém que, além de dominar a ciência, possuía também o discernimento das complexidades da alma humana, das estruturas sociais, e permanecia mais preocupado com a pessoa que com seus papéis, mais envolvido com o ser que com suas funções ou seu sucesso. Agostinho falava do “duplo conhecimento”: o conhecimento de Deus e de nós mesmos. Ele escreve em seus *Soliloquios*: “Permita-me conhecer a ti ó Deus, permita-me conhecer a mim, isto é tudo.”

Para Agostinho, conhecer a Deus implicava conhecer-nos. O conhecimento de Deus e o autoconhecimento eram inseparáveis, dando ao teólogo sabedoria capaz de penetrar nos mistérios de Deus e nos mistérios da alma humana. Entretanto, uma teologia que nos leva a conhecer apenas a Deus, e cujo conhecimento não nos leva de volta ao discernimento da própria alma, deixa de ser revelação para ser apenas uma ciência.

Jesus foi um Mestre que não apenas expunha as Escrituras e revelava a natureza do Pai, mas desnudava o espírito humano e revelava os segredos mais íntimos do coração. Jesus era um santo, um sábio, um mestre, um mentor. Uma teologia mais espiritual despertará em nós um desejo por Deus que não será medido apenas pelo volume de livros que lemos, nem pela quantidade de teses publicadas ou graus adquiridos, mas será determinado pela sabedoria que a vida em Cristo, alimentada e inspirada pelas Sagradas Escrituras e conduzida pelo poder do Espírito Santo, nos fornece. A partir de Cristo, podemos perguntar: quem é o verdadeiro teólogo? Aquele que defendeu uma brilhante tese de doutorado, escreveu o melhor livro e estudou nas melhores escolas? Ou aquele que, em Cristo, dá sentido à vida confusa e desestruturada das pessoas? Precisamos recuperar o lugar da santidade e da sabedoria na Teologia. A esterilidade da academia precisa dar lugar à compaixão, ao envolvimento pessoal, à devoção e à comunhão. É curioso notar que muitos teólogos abandonam ou trocam o pastorado, seja ele institucional ou não, pela academia devido a sua incapacidade de se relacionar com as pessoas, ou mesmo consigo. A consequência é o cinismo, fortemente presente nas instituições teológicas.

**Uma teologia espiritual deve ser mais contemplativa.** Segundo Eugene Peterson, temos uma tendência a olhar para a vida com a ótica jornalística. Buscamos o grande, valorizamos o extraordinário, exaltamos o glamoroso. A espiritualidade pós-moderna é assim: glamorosa e pragmática. O conceito de “bênção” tornou-se sinônimo de sucesso, grandes experiências, acontecimentos fantásticos. Só se reconhece como verdadeiro aquilo que é pragmático. Na cultura moderna, não há espaço para a contemplação.

A visão jornalística e pragmática da realidade é um fenômeno pós-moderno. Queremos igrejas grandes e funcionais, ministérios bem-sucedidos e técnicas de *marketing* poderosas. A presença de Deus na vida não é reconhecida pela comunhão, pela amizade e pela adoração, mas pela capacidade produtiva, pelas experiências fantásticas, pela saúde física e pelo sucesso econômico.

As páginas dos evangelhos e as melhores tradições cristãs, no entanto, nos ensinam que a graça de Deus é dinâmica. Ela atua nos acontecimentos simples e rotineiros do dia-a-dia. Precisamos de uma teologia que nos ajude a perceber e a valorizar aquilo que Deus está realizando em nós, e não somente aquilo que fazemos para o Senhor. Uma teologia que nos ensine a valorizar o invisível e o intangível.

A contemplação e a imaginação sempre ocuparam um lugar fundamental na formação espiritual do povo de Deus. Grande parte do ensino de Jesus deu-se através de parábolas e histórias que levavam as pessoas a imaginar a riqueza do Reino de Deus e o propósito da redenção. Os lírios do campo, as aves do céu, a casa sobre a rocha, a videira ou a ovelha perdida são imagens que nos convidam à contemplação, e não à formulação matemática da fé.

O apóstolo Paulo, diante das dificuldades, perseguições e tribulações que enfrentou em seu ministério, não se deixou abater pelas lutas reais e visíveis. Pelo contrário, preferiu manter os olhos fixos “naquilo que não se vê, porque aquilo que se vê é temporário, mas o que não se vê é eterno”. Para ele, havia uma realidade não visível, mais verdadeira que as realidades visíveis. Por causa da contemplação, ele não se deixou abater pelas dificuldades visíveis.

O livro do Apocalipse é um conjunto de visões e imagens que fortalece a fé e revigora a esperança quando nos deixamos absorver por ele. Um dos grandes erros que muitos teólogos cometeram foi o de tentar decifrar os supostos enigmas por trás das imagens que revelam nossa mentalidade cartesiana e a incapacidade de lidar com a poesia. G.K. Chesterton disse certa vez que “São João, o evangelista, viu muitos monstros estranhos em sua visão, mas nenhuma criatura foi tão grotesca quanto seus críticos”.

A contemplação nos permite reconhecer e valorizar o pequeno e o singelo. O salmista percebe o valor das coisas pequenas e simples ao dizer: “Senhor, não é soberbo o meu coração, nem altivo meu olhar; não ando à procura de grandes coisas, nem de coisas maravilhosas demais para mim. Pelo contrário, fiz calar e sossegar a minha alma; como a criança desmamada se aquieta nos braços de sua mãe, como essa criança é a minha alma para comigo” (Sl 131:1-2; ARA).

Para ele, libertar-se da ótica jornalística e pragmática é reconhecer a presença de Deus no seu dia-a-dia, experimentar o descanso da alma, provar o sossego da confiança de quem aprendeu a crer no cuidado divino, perceber o poder de Deus, seja num evento extraordinário ou em outro, singelo e discreto. É isto que significa um “ser espiritual”.

**Uma teologia espiritual requer também uma reforma na linguagem.** A linguagem teológica, pela forte influência que recebeu do iluminismo, é acadêmica e técnica. É curioso notar que grande parte da Bíblia trabalha com uma linguagem poética ou narrativa. Uma linguagem que comunica a graça de Deus de forma pessoal e toca nas necessidades mais íntimas da alma.

Jesus foi um exímio contador de histórias. Suas parábolas, muitas vezes sem nenhum traço de linguagem religiosa, ou sequer tocar no nome de Deus, levavam os ouvintes à profunda reflexão pessoal e à necessidade de uma



resposta igualmente pessoal. Da mesma forma, as conversas de Jesus eram sempre de natureza bastante pessoal e profunda. Ao invés de dar respostas prontas, ele levantava mais perguntas. Não se preocupava em apresentar *receitas* espirituais ou teológicas, mas sempre procurava tocar nos pontos mais centrais da vida e da fé.

O apóstolo Paulo, da mesma maneira, sempre procurou uma forma pessoal de comunicar a verdade do Evangelho. Optou por “orgulhar-se” de suas fraquezas, ao invés de vangloriar-se nas grandezas das revelações que havia recebido de Deus. Conhecemos sua teologia através de cartas pessoais que escreveu a amigos e igrejas. Escrevendo a Timóteo, seu filho na fé, Paulo recomenda que não apenas lembre o que aprendeu, mas sobretudo “de quem” aprendeu. A figura de quem ensina é fundamental na memória de seu filho na fé.

Vemos, portanto, que o apóstolo priorizava o pessoal sobre o técnico. Não se trata de reduzir ou simplificar, e muito menos de desconsiderar a importância do estudo e da investigação responsável, acadêmica e técnica. Sempre lutamos contra a preguiça intelectual e contra aqueles que insistem numa espiritualidade sem raízes e sem teologia. No entanto, precisamos reconhecer que há outra linguagem que fala ao coração, e não apenas à mente. Esta linguagem promove e convida à intimidade mais pessoal, mais comunitária e mais viva.

Ao referir-se ao “maior mandamento”, Jesus afirma que nosso amor por Deus deve nos envolver por inteiro: alma, força e entendimento. Amar é conhecer. Não se pode conhecer a Deus simplesmente com boas informações sobre ele. O conhecimento de Deus e a comunicação deste conhecimento requerem um relacionamento pessoal com ele e com aqueles a quem esta verdade é comunicada.

## UMA ESPIRITUALIDADE MAIS TEOLÓGICA

Necessitamos de uma teologia mais espiritual, que se ocupe do ser humano de maneira integral, que afirme a santidade da vida e do ministério, que resgate uma linguagem mais pessoal e afetiva. Entretanto, também carecemos de uma espiritualidade mais teológica, que estabeleça fronteiras, que defina os contornos e que firme os fundamentos.

Reconhecemos que há um protesto do espírito humano, uma busca pelo íntimo, pelo sagrado, por um significado que transcenda nossas narrativas racionais, que penetre e toque a alma humana. No entanto, reconhecemos também que há uma onda espiritual, uma forma de *espiritualismo* na cultura, fortemente narcisista, fundamentada na psicologia moderna e antropologia egocêntrica. Esta onda não tem recursos para preencher as lacunas do homem criado à imagem e à semelhança de Deus. Por uma espiritualidade mais teológica, reconhecemos algumas necessidades.

**Uma espiritualidade trinitária.** A doutrina da Trindade é o fundamento para a espiritualidade cristã e teologicamente bíblica. Ela nos revela um Deus que nos convida a participar da comunhão que o Pai, o Filho e o Espírito Santo gozam desde toda a eternidade. Ao ser formados à imagem e à semelhança de Deus, fomos criados para a comunhão trinitária. Em sua “oração

sacerdotal”, Jesus diz: “Para que sejam um, como és tu ó Pai em mim e eu em ti, sejam eles também em nós.” O convite de Jesus é para que a comunhão que o Filho e o Pai gozam seja também compartilhada por aqueles que, em Cristo, foram reconciliados com Deus pelo poder do Espírito Santo.

É por meio da doutrina da Trindade que entendemos a natureza do novo ser em Cristo. Nossa identidade, a partir da revelação da Trindade, é relacional, e não funcional. Não é o que fazemos que define nossa pessoa, mas o que somos a partir de nossos relacionamentos com Deus e com o próximo. Somos aquilo que amamos. A Trindade cria em nós o ser eclesial e nos faz compreender que a conversão é a transformação do “eu” num glorioso “nós”.

A revelação da doutrina da Trindade também nos ajuda a compreender o significado do conhecimento. Os pais da antiga Capadócia diziam: “O ser de Deus só pode ser conhecido através de relacionamentos pessoais e do amor pessoal. Ser significa vida, e vida significa comunhão.” Não há conhecimento possível do Filho sem a participação do Pai; nem há possibilidade de conhecimento do Pai sem a revelação do Filho. Se não entendemos a comunhão no ser trinitário de Deus, não podemos conhecer a Deus. “Foi desta maneira que o mundo antigo ouviu pela primeira vez que é a comunhão que forma o ser; que nada existe sem ela, nem mesmo Deus” (John Zizioulas).

É a doutrina da Trindade que nos preservará dos riscos de uma espiritualidade que não contemple a natureza do Deus criador, redentor e santificador. É a doutrina da Trindade que nos guardará de um deus que pode ser conhecido sem a mediação de Cristo. O Deus bíblico não é qualquer deus, mas o Pai de nosso Senhor Jesus Cristo. Sem uma gramática trinitária, toda teologia torna-se extremamente vulnerável e gera uma espiritualidade sem nenhum fundamento bíblico e cristão.

**Uma espiritualidade cristocêntrica.** O propósito da espiritualidade cristã é nosso crescimento em direção a Cristo — em outras palavras, ser conformados à imagem de Jesus Cristo. Não se trata de ajustamento sociológico ou psicológico, de sentir-se bem emocional ou socialmente, mas de um processo de crescimento e transformação. A espiritualidade da cultura moderna, por ser mais individualista e, conseqüentemente, mais narcisista, mudou o foco da espiritualidade cristã; ao invés de sermos convertidos a Cristo, é Cristo que se tem convertido a nós. Perdemos o significado da doutrina da *imago Dei*, a consciência de que fomos criados por Deus e para Deus, e que somente nele encontramos significado para nossa humanidade corrompida.

Para Paulo, isto significa caminhar em direção à perfeita varonilidade, à medida de estatura de Cristo. Encontramos em Cristo a expressão plena de nossa humanidade. Converter-nos a ele significa ter nossos pensamentos e caminhos transformados, nossa humanidade restaurada, nossa dignidade redimida para viver a nova vida em Cristo. Paulo nos afirma que a verdadeira vida encontra-se oculta em Jesus e, por esta razão, devemos buscar e pensar nas coisas do alto, onde Cristo vive. O fim da espiritualidade cristã está numa humanidade madura e completa em Cristo.

Outra preocupação é o risco da *cultura espiritualista* tirar a divindade de Cristo, reduzindo-o à categoria de Ghandi, de Buda ou de outro personagem da humanidade. A globalização resiste à idéia do sacerdócio único de Cristo. O ser pós-moderno não aceita viver sob a verdade de que Cristo é “o caminho, a verdade e a vida”, e que ninguém vai ao Pai a não ser por meio dele. Esta realidade única de Cristo é inaceitável na cultura pós-moderna. Desta forma, Jesus passa a ser apenas uma boa pessoa, que nos deu exemplo de como ser pessoas igualmente boas, mas nada muito além do que outros também fizeram.

Contudo, uma espiritualidade mais teológica requer da Igreja a afirmativa da mediação única de Cristo: sem ele, ninguém conhece o Pai, nem pode ser salvo. Precisa, da mesma forma, afirmar a centralidade da cruz e da ressurreição na experiência cristã de reconciliação, perdão e comunhão com Deus.

**Uma espiritualidade comunitária.** Uma vez que a natureza de Deus é relacional, assim é também a natureza da pessoa regenerada em Cristo. A conversão é a transformação do indivíduo em pessoa. O indivíduo é o ser encapsulado em si mesmo, que se realiza na autopromoção. É narcisista, concebe a liberdade apenas em termos de autonomia e independência, e reconhece como verdadeira apenas sua realidade limitada. A pessoa é o ser em comunhão, que se realiza nas relações de afeto e amizade. É altruísta, concebe a liberdade em termos de entrega, obediência e amor doado, e se abre para a revelação que encontra fora de si mesmo.

Esta nova pessoa em Cristo recebe o outro da mesma forma como em Cristo é recebido, e nesta nova dinâmica a Igreja deixa de ser um clube religioso, no qual cada um faz o que quer e como quer, e escolhe suas amizades de acordo com os interesses pessoais, para se transformar numa verdadeira comunidade de irmãos e irmãs que se doam mutuamente numa experiência real de aceitação e comunhão. Nossas relações deixam de ser determinadas pelas ideologias ou pelos projetos comuns, e passam a ser construídas dentro da esperança escatológica.

O Credo Apostólico afirma nossa crença em Deus Pai, Criador de todas as coisas; em seu Filho Jesus Cristo, nosso Salvador; no Espírito Santo; na remissão dos pecados; na ressurreição; na vida eterna... e na Igreja. Ela faz parte das convicções básicas do Credo. Da mesma forma como precisamos crer em Deus Pai, Filho e Espírito Santo, precisamos crer também na Igreja como ambiente de comunhão dos salvos em Cristo. Ela é a comunidade do Reino que dá visibilidade ao que Cristo fez em sua obra redentora no mundo.

Crer na Igreja envolve muito mais que reconhecer a necessidade de participar de sua missão. Significa reconhecer que fomos salvos e constituídos como povo de Deus, um “reino de sacerdotes”, o “Corpo de Cristo”, a fim de testemunhar a glória de Deus na história. Uma espiritualidade mais teológica precisa afirmar a Igreja como comunidade daqueles que têm Cristo por seu Senhor.

**Uma espiritualidade centrada na Palavra de Deus.** Mais uma vez: o propósito da espiritualidade cristã é nosso crescimento em Cristo. É o processo de nossa transformação pela Palavra de Deus, participando cada vez mais da vida em Cristo. O apóstolo Paulo afirma que, sendo ressuscitados com Cristo, temos

nossa vida oculta nele. Portanto, a vida espiritual não é um processo de ajuste aos valores sociais dominantes, mas um caminho que envolve crise e transformação, no qual a tensão entre a Palavra de Deus e o mundo estarão sempre presentes.

Essa tensão se dá através de dois movimentos: o primeiro é o confronto entre a Palavra de Deus e a ordem social, moral e religiosa dominantes. Sabemos que a leitura e a meditação nas Sagradas Escrituras nos consola, edifica e conforta, mas também nos desafia, provoca e confronta. Este confronto exige um diálogo constante entre a Palavra de Deus e o mundo em que vivemos. Paulo escreve aos romanos, rogando para que não se conformem com o mundo, mas sejam transformados pela renovação da mente. Em outra ocasião, ele fala da necessidade de termos a “mente de Cristo”, ou seja, pensarmos com os mesmos critérios, valores e princípios de Cristo.

O segundo movimento é o confronto entre a Palavra de Deus e nosso mundo interior. Todos nós trazemos lembranças, memórias e imagens do passado que nos turvam a compreensão de Deus e de nós mesmos. São sentimentos negativos de abandono, medo e solidão que formam em nós uma auto-imagem igualmente negativa de inadequação e rejeição — que, por sua vez, compromete nossa imagem de Deus. Carregamos conosco mágoas, ressentimentos, invejas e ciúmes que nos induzem a usar Deus, ao invés de nos dispormos a ser usados por ele. Eles provocam uma relação confusa e manipuladora, ao invés de uma entrega serena e confiante. É preciso deixar a Palavra de Deus iluminar nosso mundo interior, transformá-lo em Cristo, restaurar nossa vida à imagem de Deus e resgatar a imagem do Deus revelado em Cristo Jesus.

A Bíblia, como instrumento de transformação e crucificação, exige de nós uma aproximação devocional. Reverência e silêncio são posturas básicas de quem deseja ser consolado, confrontado e transformado. É ela quem estabelece o diálogo entre nós e o mundo — seja o mundo exterior seja o interior — e nos transforma em Cristo. Uma espiritualidade que não leva em conta as Escrituras pode até começar com boas intenções, mas certamente terminará em grande crise e confusão pelo simples fato de negar a revelação de Deus a nós. Não somos nós que determinamos a natureza divina: é o próprio Deus quem toma a iniciativa de se revelar a nós. E o faz por meio de sua Palavra.

**Uma espiritualidade missionária.** A Igreja não tem uma missão própria. Ela participa na *missio Dei*. Como o ser da Igreja está atado ao ser de Deus, a missão da Igreja também está vinculada à missão de Deus. No Evangelho de João vemos Cristo afirmando que não tem uma palavra, um juízo ou uma missão sua, mas que, da forma como ouve, ele fala; da maneira como o Pai julga, ele julga. Ele também afirma que sua comida e sua bebida consistem em fazer a vontade do Pai e realizar sua obra. Oração e missão caminham sempre juntas. Oramos para que nossos caminhos sejam convertidos nos caminhos de Deus, para que nossos pensamentos sejam transformados em seus pensamentos, para que nossos conceitos de justiça, direito e verdade sejam conformados com os de Deus.

A tentação no deserto foi uma experiência definidora da vocação e da missão de Jesus. Sua rejeição aos caminhos propostos por Satanás que, segundo Henri

Nouwen, apontam para o imediato, o mágico, o popular e o espetacular, apresenta uma nova forma de ver a missão e realizar a obra de Deus. Jesus rejeita as alternativas que derivam do poder para abraçar um projeto que nasce da graça e se encarna no amor de Deus para com o ser humano.

Não há como separar a espiritualidade de Jesus de sua missão. Num dos momentos mais críticos de sua vocação, Jesus diz a Filipe e André: “Agora está angustiada a minha alma, e que direi eu? Pai, salva-me desta hora? Mas precisamente com este propósito vim para esta hora” (Jo 12:27).

A agenda de oração de Jesus foi determinada por sua vocação, e não pelas necessidades pessoais. Qualquer um, diante das angústias da alma, oraria para que fossem aliviadas, curadas, redimidas. Jesus, no entanto, sabe para quem veio, e reconhece que não é ele quem determina a pauta de suas orações. Então ora e diz: “Pai, glorifica o teu nome.” Era a glória do Pai, o cumprimento de seu propósito, a missão que recebera dele que determinava sua oração. O objeto da oração de Jesus era a glória de Deus, não ele mesmo. Era a missão do Pai, não a sua.

Uma espiritualidade mais teológica exigirá de nós uma clara consciência de chamado e vocação. Vivemos hoje o risco de uma espiritualidade intimista, desconectada da realidade, subjetiva, abstrata e com uma forte reação negativa ao cotidiano e ao ordinário. Uma espiritualidade cristã está relacionada com a missão de Deus no mundo em sua obra redentora. Precisa ocupar-se em dar pão ao faminto, acolher o abandonado, vestir o nu, dar esperança ao enfermo, visitar os que estão presos e promover a justiça e a paz. Uma espiritualidade que não contempla a missão torna-se alienante e sem nenhuma relevância social. Em última análise, sem fundamento bíblico e histórico.

## SITUAÇÃO DE RISCO

Concluimos que o mundo pós-moderno produziu uma cultura mais subjetiva e mais aberta ao espiritual. Contudo, esta abertura não significa maior profundidade ou maior interesse na obra redentora de Cristo. Estamos entrando numa era em que a obra singular e exclusiva de Cristo no Calvário — e conseqüentemente a espiritualidade cristã — encontrará a mais forte rejeição, talvez mais forte que aquela que a Igreja e os cristãos sofreram nos primeiros séculos. Certamente, o conflito que a Igreja enfrentará na cultura pós-moderna não terá o caráter violento e sangrento de seus tempos primitivos, mas colocará o cristianismo na mesma situação de risco de outros tempos, com uma diferença que o torna mais perigoso e complexo: a nova geração de cristãos provavelmente não terá a mesma disposição para o sofrimento e o martírio que outras tiveram em tempos de crise.

Uma característica da cultura pós-moderna é seu caráter inclusivo. Isto significa que a aceitação de outras formas de estrutura familiar, de outras expressões religiosas e de outros estilos de vida tornaram-se exigências da nova consciência cultural. Para ser pós-moderno é preciso ser “aberto” e aceitar todas as formas de diversidade sexual, cultural, religiosa e social. Como disse o dr. James Houston, “vivemos hoje o novo fundamentalismo da democracia liberal”. A

democracia liberal exige uma atitude inclusivista radical que representa um grave desafio à espiritualidade cristã.

A afirmação cristã da exclusividade de Cristo como único Salvador e Senhor — o que implica a rejeição de todas as outras formas de salvação e reconciliação com Deus — soará, no mínimo, estranha e agressiva à consciência pós-moderna. Além disso, uma vez que vivemos uma profunda quebra de princípios sociais e a relativização dos valores morais, a consciência de pecado está se tornando vaga e subjetiva. Conseqüentemente, a necessidade de perdão, ou mesmo de um Salvador, torna-se irrelevante.

Vemos, porém, uma grande massa de cristãos evangélicos com pouca ou nenhuma consciência de seu chamado histórico, superficiais na compreensão das grandes verdades bíblicas, buscando nas igrejas formas de entretenimento religioso, socialmente irrelevantes e teologicamente imaturos. O futuro não parece ser muito promissor. O grande desafio que o cristianismo tem de enfrentar é o de afirmar a centralidade da morte e da ressurreição de Cristo na reconciliação do ser humano com Deus e na experiência espiritual, assim como a autoridade das Escrituras Sagradas tanto para a teologia como para a antropologia.

A espiritualidade cristã não pode se sujeitar aos modelos espirituais subjetivos e impessoais que temos hoje. Embora a meditação, a quietude e o silêncio façam parte da longa tradição espiritual do cristianismo, entrar num caminho subjetivo, buscando uma espécie de satisfação interior através de técnicas de meditação sem considerar todas as implicações teológicas e históricas da fé cristã, nos colocará numa posição extremamente frágil e vulnerável.

A espiritualidade de hoje requer profundo e sólido fundamento teológico e histórico. Deve, entretanto, rejeitar os modelos racionais e impessoais do passado. Portanto, nosso desafio é o de preservar uma espiritualidade mais teológica paralelamente a uma teologia mais espiritual. Tanto a mente quanto o coração precisam estar plenamente envolvidos na experiência cristã.

Vivemos um momento de grandes desafios, mas também de grandes oportunidades, pois nunca o cristianismo foi tão provocado em sua relevância e em sua personalidade quanto nos dias atuais. Aquilo que era dado como certo, por contar com o aval de uma cultura cristã, hoje já não tem a mesma garantia. Para ser dado como certo, agora precisa mostrar sua relevância.

A tarefa que temos pela frente é grande, e exigirá de todos nós firmeza e perseverança. A exortação para “vigiar e orar” é a que mais se adapta à realidade. De certa forma, precisamos orar com os olhos bem abertos, permanecer atentos ao que Deus está realizando e compreender as mudanças de nosso tempo.

**Fonte:** *O Melhor da Espiritualidade Brasileira*, Vários Autores; Mundo Cristão.